

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 15

Rituais e Cerimónias



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1993

A MORTE DE JEAN LECLERCQ ILUSTRE INVESTIGADOR BENEDITINO

A 27 de Outubro de 1993 falecia na abadia de Clairvaux o eminente padre beneditino Jean Leclercq, uma das figuras cimeiras da historiografia medieval e grande investigador da obra de S. Bernardo. Morreu Leclercq um dos nomes mais notáveis da história do monaquismo contemporâneo, um investigador insigne e uma personalidade de elevada espiritualidade cuja obra perdurará para sempre.

Jean Leclercq nasceu em Avesnes (Departamento do Norte de França) em 1911. Aos 15 anos decidiu seguir a vida religiosa e dois anos depois entrou na abadia luxemburguesa que só foneticamente trazia à memória a grande fundação de Bernardo de Clairvaux. Mas só mais tarde se verificaria o encontro com o Cisterciense. As primeiras etapas foram aquelas que qualquer monge percorre: noviciado em Roma durante quatro anos no Instituto de Santo Anselmo, depois estudos em Paris para a tese de doutoramento em Teologia, tendo escolhido como tema o tratado de João de Paris sobre a controvérsia entre Bonifácio VIII e Filipe o Belo. Na capital francesa frequentou o "Institut Catholique", a "École des Chartes", a "École des Hautes Études" e o "Collège de France". O interesse pela temática eclesiológica manifesta-se depois na obra *L'idée de la royauté du Christ au Moyen Âge*, que é de 1959. Em Paris foram seus professores Charles Samaran como paleógrafo, Louis Halphen como medievalista, Jules Lebreton e Henri Xavier Arquilicre como historiadores da Igreja. Todos eles foram mestres afamados que muito marcaram a sua inteligência e a sua sensibilidade. Durante quatro anos investigou na secção de manuscritos da Biblioteca Nacional de Paris.

Leclercq foi a pouco e pouco compreendendo a grande tradição beneditina representada no nosso século por personalidades como Germain Morin, Henri Quentin e André Wilmart, que não manifestaram apenas interesses eruditos nos trabalhos realizados. Em tudo isto muito beneficiou da orientação de Étienne Gilson que não só o encaminhou para o estudo da cultura monástica medieval mas lhe ensinou ainda que dentro dos textos vive o homem em toda a sua dimensão. "Devo a Gilson esta preocupação pelo humano, este humanismo na investigação", escreveu Leclercq. As seguintes publicações revelam essa orientação: *La spiritualité de Pierre de Celle (1115-1183)* (1942), *Pierre le Venerable* (1946), *Un maître de la vie*

spirituelle au XIIe siècle: Jean de Fécamp (1956), *St. Pierre Damien ermite et homme de l'Église* (1960).

O estudo de Pedro o Venerável leva-o ao encontro com o adversário de Bernardo de Clairvaux que lutou vigorosamente contra o peso do monaquismo de Cluni. Leclercq tomar-se-ia o expoente maior da investigação sobre Bernardo de Clairvaux: entre 1957 e 1977 cuidou com C. H. Talbot e H. M. Rocháis da edição crítica das obras de S. Bernardo que saiu em oito volumes; entre 1962 e 1992 recolheu parte dos seus estudos bernardianos: cinco volumes do *Recueil d'études sur saint Bernard et ses écrits*, editados pelas Edizioni di Storia e Letteratura; dedicou ainda ao grande santo sínteses biográficas e ensaios, utilizando inclusivamente os instrumentos mais recentes da psico-história: *Nouveau Visage de S. Bernardo. Approches psycho-historiques* de 1976.

Leclercq como que pretendeu defender a tese segundo a qual os monges viveram com alegria a sua vida de consagrados e não submetidos a qualquer pressão ou patologia. E aqui recorde-se o livro de Haskins, *La rinascita del XII secolo*. Foram homens que viveram a plenitude da sua experiência no segredo da alegria. Se renunciaram a alguma coisa, fizeram-no com plena consciência de se entregarem a algo de mais sublime. Aquilo a que renunciaram é apenas uma imagem, alusão ou figura daquilo a que se consagravam. O título da obra *Monks and Love in Twelfth Century* (1979) e *Monks and Marriage: a Twelfth-Century View* (1982) mostram que os monges defenderam a dignidade do amor conjugal incarnado no matrimónio. Isto contra as explicações simplificadoras de Dinis de Rougemont. Leclercq demonstrou um extraordinário conhecimento de textos e figuras e revelou um mundo novo e inesperado: "eu não posso crer que inteiras gerações tenham 'gerado' sem se amarem".

Outro livro de enorme interesse de Leclercq é *L'amour des lettres et le désir de Dieu* que apareceu no mesmo ano (1957) que o de Marie Dominique Chenu, *La théologie au douzième siècle*, e que aparentemente são antagónicas. Enquanto Chenu insistia na fecundidade da revolução mendicante frente à incapacidade monástica em atrair a nova civilização, urbana e não mais feudal, realçando assim a positividade do método escolástico, formal e metódico, que constituía a teologia como ciência e que nessa revolução tinha a sua origem e fundamento, Leclercq reivindicava o valor autónomo da teologia monástica, contemplativa e experimental, carregada de fervor, entusiasmo e admiração. À hegemonia escolástico-tomista vinha contraposta a legitimidade de um modo diverso de aproximação com

Deus, o caminho que os monges medievais tinham herdado dos Padres: a grande palavra não é mais "quaeritur" mas "desideratur", não é mais "selendum" mas "experiendum".

Não se considerava pois a cultura monástica medieval como um fenómeno pre-escolástico como se tudo se devesse converter na "philosophia scholastica". Ele procurou demonstrar que a vida monástica consiste em amar sem ver, insistindo sempre em que a sua missão é a de amar sem ver, de olhar para o alto fixando a Deus, invisível e presente.

Deve mostrar-se aos homens que importa fixar os olhos naquele que existe, mostrando a direcção para a qual tudo deve convergir. A liberdade beneditina é essa — e esse foi o tema da sua participação em Spoleto no centenário beneditino —: "A liberdade beneditina é a liberdade cristã. Consiste primariamente num consenso para o Ser, para Deus, assim como fez Cristo no Getsémani. A vida monástica aplicada à regra de S. Bento é uma escola de vida na qual somos educados para sermos livres. Livres dentro de uma obediência. Este é o mistério da vida cristã: 'quanto mais se obedece mais se é livre'". O monaquismo foi a paixão da sua vida.

Também se interessou pelo grande místico do séc. XVI Paulo Giustiniano (*Un umanista eremita: il beato Paolo Giustiniano e Il Richiamo del deserto. La dottrina del beato Paolo Giustiniano*). E também se preocupou com o monaquismo contemporâneo, na linha do jesuíta Yves de Montcheuil e do grande amigo Tomás Merton. O encontro com o Oriente devia ser antes de mais um encontro de monaquismo mas sem qualquer ideia de sincretismo.

Outras obras de Leclercq, além das já mencionadas, foram: *Cultura humanística e desejo de Deus, S. Bernardo e o espírito cisterciense, Espiritualidade da Idade Média. De Gregorio Magno a S. Bernardo de Claraval, A mulher e as mulheres em S. Bernardo, Humanismo e cultura humanística, S. Bernardo, Experiência espiritual e teologia, Pedro o Venerável, De graça em graça*. E estavam já anunciadas para 1993 *A mulher na Idade Média e Teologia, ciência e pregação na Idade Média*.

Leclercq foi encarregado de várias missões de renovação da vida monástica e da sua inserção nas culturas não ocidentais na Europa, África, Ásia, América do Norte e do Sul, Oceania. Era doutor "honoris causa" pelas Universidades Católica de Milão, de Lovaina e da Western Michigan University. Era membro correspondente de várias Academias, como a Academia Medieval Americana, a Academia Britânica, as Academias de Mâcon, Metz, Spoleto, etc.

À morte de Leclercq podemos aplicar as palavras que S.

Bernardo dedicou a um amigo, o bispo Malaquias, por ocasião do seu falecimento: "É a solenidade luminosa de todos os Santos. Uma antiga fórmula bíblica diz que ao luto não se junta a música, e apesar disso nos cantamos. Choramos cantando, cantamos chorando. Malaquias não canta, não chora, nem ele. Porque havia de chorar ele que se aproxima da alegria? O luto é para nós, para ele é a alegria; so Malaquias está em festa. O dia da sua morte é um dia festivo. Falta-lhe o corpo, a voz, restando-lhe o espírito para uma jubilante celebração. Em plena noite eis que para ele se ergue o dia, as trevas se iluminam. Porquê esta segurança? Amei a Deus e amei-vos a vós: a caridade não acabará jamais".

Manuel Augusto Rodrigues

**AMERICAN HISTORY AND THE SOCIAL SCIENCES
SEMINÁRIO REALIZADO EM ROMA, 6-9 DE OUTUBRO
DE 1993**

A realização deste seminário parte da constatação, pelos organizadores, do relativo pouco impacto da historiografia americana na Europa. De facto, dentro da produção científica americana a História aparece como uma área que permanece ainda hoje relativamente local e nacional, com pouca influência internacional. Ao contrário do que acontece nos outros domínios das ciências sociais (sociologia, economia, por exemplo), a historiografia americana é pouco conhecida na Europa, os seus contributos metodológicos são ignorados, os seus grandes expoentes, salvo algumas excepções, nomes desconhecidos pelos profissionais daquém Atlântico.

O objectivo do seminário de Roma foi precisamente contribuir para a modificação desse estado de coisas. A estratégia seguida privilegiou os aspectos metodológicos em geral e, em particular, as relações entre a História e as Ciências Sociais. Esta aposta nos aspectos metodológicos e epistemológicos, aliada ao facto de se ter pedido aos especialistas convidados de relatarem a sua experiência em termos pessoais, como uma biografia científica, tomaram o acontecimento extremamente estimulante e frutuoso, mesmo para os participantes que não tinham um interesse directo nas temáticas ligadas à História dos Estados Unidos.